

Empresários do Rio dão apoio a pacote

CORREIO BRAZILIENSE

22 NOV 1997

Rio — O presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu ontem à noite o apoio do presidente da Federação de Indústrias do Rio (Firjan), Eduardo Eugênio Gouveia Vieira, e de empresários fluminenses pelas medidas de redução do déficit fiscal. No discurso de agradecimento, ele defendeu a atuação política dos empresários na redução das exclusões sociais. "No mundo de hoje, para ser empresário, tem que ser progressista", afirmou.

Acompanhado do governador Marcello Alencar (PSDB) e do ministro da Indústria, do Comércio e do Turismo, Francisco Dornelles, o presidente afirmou que "o mercado sozinho não é e nem pode ser parâmetro do Brasil nem de nenhum lugar que tenha consciência moral". Segundo ele, "é preciso incluir mais pessoas, por intermédio de ação pública coordenada pelo Estado e pela sociedade civil".

Fernando Henrique criticou a esquerda tradicional. "Infelizmente

setores da velha esquerda, que às vezes pensam que são novos, se aferram aos privilégios e defendem o Estado podre, que é o Estado do mal-estar social", afirmou. Segundo o presidente, estes defendem "o Estado construído por regimes autoritários". "Quando se propõe reformas, como as que estamos fazendo, querem dizer que as reformas são contra o povo, quando são condição para que

possamos ter um Estado capaz de incluir, cada vez mais, parcelas excluídas do conjunto da cidadania brasileira."

O presidente afirmou que a motivação moral, de solidariedade e preocupação com o bem-

estar social, deve vir junto "com as decisões que dizem respeito aos investimentos, às suas formações e aos mercados". Para o presidente "o bom lado se ampliou e o empresário quando tem consciência social toma posição política, que é a nossa".

MUDANÇAS

Ao comentar os 170 anos da Fir-

jan, Fernando Henrique disse que são poucos os países com instituições mais que seculares. Ele citou o parlamento, que funciona desde 1823, com menos de dez anos de interrupção. "A tradição de enraizamento institucional democrático é muito boa, mas representa um perigo, que é de sermos insensíveis pelo voto de nossas instituições à mudança".

Para o presidente, "as instituições só conseguem permanecer com vigor quando são capazes também de mudar ao sinal dos tempos, sintonizadas com o que está acontecendo nos países." Para o presidente, é necessário que os empresários pensem além dos limites de suas fábricas. "Me recordo de Joaquim Nabuco, que dizia que a nódoa do Brasil era a escravidão, a nódoa do Brasil hoje é a exclusão." De acordo com Fernando Henrique, ou o empresário fica "contra a exclusão ou ele não é empresário com essa força que é pre-

ciso ter para se destacar da mesma do cotidiano e para propor inovações".

Ao se referir à crise internacional nas bolsas de valores, Fernando Henrique disse que "quando há uma turbulência, não cabe ao presidente e ao governo hesitar nas medidas que vão à raiz da questão para preservar o interesse da maioria, que é a preservação do valor de compra do salário, do real, da estabilidade econômica e política, que garante a possibilidade de avançar".

Em seu discurso, o presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouveia Vieira, defendeu as medidas do governo, a estabilidade econômica, condenou o que chamou de "Partido da Desvalorização Cambial" e defendeu ainda a reeleição de Fernando Henrique. Foi aplaudido e arrancou sorrisos do presidente e dos demais presentes na Firjan, quando disse: "A esquerda somos nós".

"QUANDO SE PROPÕE REFORMAS, COMO AS QUE ESTAMOS FAZENDO, QUEREM DIZER QUE AS REFORMAS SÃO CONTRA O Povo, QUANDO SÃO CONDIÇÃO PARA QUE POSSAMOS TER UM ESTADO CAPAZ DE INCLUIR, CADA VEZ MAIS, PARCELAS EXCLUÍDAS DO CONJUNTO DA CIDADANIA BRASILEIRA."

Fernando Henrique Cardoso